Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32319

# CONTRIBUIÇÕES DA ESTIMULAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) DE 2 A 5 ANOS

## CONTRIBUTIONS OF SPEECH-LANGUAGE THERAPY STIMULATION TO LANGUAGE DEVELOPMENT IN CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) AGED 2 TO 5 YEARS

**Ana Júlia da Rocha Passos Rodrigues**[1]
**Jéssica de Araújo Pereira**[2]
**Larissa Ferreira Porto de Carvalho**[3]
**Rosane Ferreira da Silveira**[4]
**Flávia de Jesus Neiva Sampaio**[5]

RESUMO: A estimulação fonoaudiológica precoce é uma maneira de apoiar o desenvolvimento da comunicação em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), levando em conta o que elas precisam e suas características individuais em relação à linguagem. O foco deste estudo foi investigar como a estimulação precoce fonoaudiológica contribui para a linguagem receptiva e expressiva e para a comunicação funcional em crianças de 2 a 5 anos com TEA. Conduziu-se uma revisão da literatura, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, por meio de pesquisas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na PubMed/MEDLINE. Foram encontrados 152 registros a princípio, mas após a aplicação dos filtros, restaram 13, das quais 11 foram selecionadas para análise. Os resultados foram agrupados em quatro eixos: promoção da linguagem receptiva e expressiva; estratégias de intervenção e comunicação eficaz; envolvimento familiar e condições ambientais; e limites das evidências e suas implicações para a Fonoaudiologia. Os estudos mencionaram avanços na compreensão, na expressão, na atenção compartilhada e na participação comunicativa, enfatizando o uso de recursos de Comunicação Aumentativa e Alternativa, intervenções naturalísticas e abordagens interacionais. No entanto, a variedade de métodos, as diferenças entre os grupos estudados e a contribuição indireta de algumas publicações impediram que os resultados fossem generalizados. A estimulação precoce fonoaudiológica, portanto, pode expandir as oportunidades comunicativas de crianças com TEA, desde que seja individualizada, com a participação da família e o envolvimento de uma equipe multiprofissional, sem esperar resultados iguais para todos ou considerar uma abordagem superior às outras.

**Palavras-chave:** Transtorno do espectro autista. Intervenção precoce. Fonoaudiologia. Desenvolvimento da linguagem. Comunicação funcional.



[1] Instituto Brasileiro de Medicina.
[2] Instituto Brasileiro de Medicina.
[3] Instituto Brasileiro de Medicina.
[4] Instituto Brasileiro de Medicina.
[5] Instituto Brasileiro de Medicina.

ABSTRACT: Early speech-language stimulation is a means of supporting communication development in children with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering their needs and individual language characteristics. This study aimed to investigate how early speech-language stimulation contributes to receptive and expressive language and functional communication in children aged 2 to 5 years with ASD. A qualitative, descriptive, and exploratory literature review was conducted through searches in the Virtual Health Library (VHL) and PubMed/MEDLINE. Initially, 152 records were identified; after applying the filters, 13 remained, of which 11 were selected for analysis. The results were grouped into four thematic areas: promotion of receptive and expressive language; intervention strategies and effective communication; family involvement and environmental conditions; and limitations of the evidence and their implications for speech-language pathology. The studies reported improvements in comprehension, expression, joint attention, and communicative participation, emphasizing the use of Augmentative and Alternative Communication resources, naturalistic interventions, and interaction-based approaches. However, methodological diversity, differences among the populations studied, and the indirect contribution of some publications prevented the generalization of the findings. Early speech-language stimulation may therefore expand communication opportunities for children with ASD when individualized and supported by family participation and a multidisciplinary team, without expecting uniform outcomes or assuming that one approach is superior to others.

**Keywords:** Autism spectrum disorder. Early intervention. Speech-language pathology. Language development. Functional communication.

## 1 INTRODUÇÃO



A linguagem é essencial ao desenvolvimento infantil, pois permite expressar necessidades, sentimentos e pensamentos, compreender o ambiente e estabelecer relações sociais. Entre os 2 e 5 anos, ocorrem avanços comunicativos, cognitivos, motores e socioemocionais, tornando as oportunidades de interação relevantes para a aquisição das habilidades linguísticas. Nas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as alterações na comunicação e na interação social apresentam diferentes manifestações e necessidades de suporte, exigindo estratégias ajustadas às particularidades individuais (Lima et al., 2023).

Nessa faixa etária, podem ocorrer atraso nas primeiras palavras, vocabulário reduzido, dificuldades de compreensão e formação de frases, prejuízos na atenção compartilhada e pouca iniciativa comunicativa. A estimulação precoce procura favorecer essas habilidades mediante experiências contextualizadas, considerando a capacidade de adaptação e reorganização do sistema nervoso nos primeiros anos de vida. Sua abrangência ultrapassa a aquisição da fala, incluindo comunicação não verbal, imitação, compreensão de comandos e uso funcional da linguagem nas atividades cotidianas (Alves, 2025; Santos et al., 2026).

A estimulação fonoaudiológica precoce constitui o foco deste estudo por sua relação com o desenvolvimento da linguagem receptiva, expressiva e da comunicação funcional. Bastos, Rodrigues e Barcia (2026), ao investigarem uma intervenção com uma criança em risco para TEA, destacam a importância do acompanhamento especializado e da identificação das necessidades comunicativas. Complementarmente, Duca, Mendonça e Marciano (2023) discutem a prematuridade e a estimulação precoce, reforçando a relevância do monitoramento do desenvolvimento infantil para orientar intervenções oportunas e individualizadas.

A integração entre aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais também fundamenta a atuação multiprofissional. Ferreira e Ferreira (2026) e Lemos e Carvalho (2026) abordam contribuições da estimulação psicomotora para o desenvolvimento motor e escolar de crianças com TEA. Mourão et al. (2026) apontam possibilidades de contribuição da fisioterapia para a funcionalidade e a participação infantil. Essas abordagens podem ampliar as condições de exploração do ambiente e interação, articulando-se ao acompanhamento fonoaudiológico.

Entre os recursos disponíveis, a tecnologia assistiva e a Comunicação Aumentativa e Alternativa podem oferecer meios adicionais de expressão e compreensão, especialmente diante de dificuldades na linguagem oral. Sua utilização deve considerar as necessidades individuais e a orientação profissional, preservando as oportunidades de interação direta (Alves, 2025). Diferentemente desse uso orientado, a exposição excessiva ou inadequada às telas pode reduzir experiências de brincadeira, conversa e convivência. Assim, devem ser consideradas a qualidade das atividades digitais e a participação dos responsáveis (Ramos *et al.*, 2026).



Outras pesquisas ampliam a discussão sobre o desenvolvimento infantil. Soares (2025) investigou a estimulação transcraniana por corrente contínua associada à dupla tarefa linguístico-motora, abordagem que demanda avaliação especializada e evidências mais robustas. Bandeira *et al.* (2024) examinaram os níveis de ocitocina e a expressão de seus receptores em crianças com TEA. Essas investigações evidenciam a diversidade de aspectos estudados e reforçam a necessidade de considerar fatores neurobiológicos, comportamentais e ambientais no planejamento individualizado.

A participação familiar favorece a continuidade das oportunidades comunicativas em situações como refeições, brincadeiras e leitura de histórias. A orientação aos cuidadores pode contribuir para que as habilidades trabalhadas no acompanhamento profissional sejam utilizadas em outros contextos, respeitando o ritmo e as características da criança (Alves, 2025; Santos et al., 2026). Dessa maneira, investigar a estimulação fonoaudiológica precoce justifica-

se pela possibilidade de reunir conhecimentos que subsidiem a prática profissional, a orientação familiar e a promoção da aprendizagem, da autonomia e da participação social (Bastos; Rodrigues; Barcia, 2026).

O presente estudo parte do seguinte problema de pesquisa: quais são as contribuições da estimulação precoce fonoaudiológica para o desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva e da comunicação funcional em crianças com TEA de 2 a 5 anos? O objetivo geral é analisar como essa estimulação impacta as dimensões comunicativas mencionadas nessa população. Especificamente, busca-se descrever o desenvolvimento infantil e os principais marcos da linguagem nessa faixa etária; conceituar a estimulação precoce e sua importância para a plasticidade cerebral e as habilidades comunicativas; identificar alterações de linguagem e comunicação, incluindo atraso na fala, vocabulário reduzido, dificuldades de compreensão e formação de frases, prejuízos na atenção compartilhada e baixa iniciativa comunicativa; apresentar estratégias fonoaudiológicas direcionadas à linguagem; investigar a contribuição da Fonoaudiologia para a identificação e intervenção precoce nessas alterações; e analisar a influência dos fatores familiares e ambientais no desenvolvimento comunicativo.

## 2 METODOLOGIA



Esta investigação é qualificada como uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, realizada por meio de uma revisão da literatura científica. Esse tipo de pesquisa permite compilar, sistematizar, analisar e interpretar evidências científicas já publicadas sobre um determinado fenômeno, possibilitando a identificação dos principais achados, intervenções terapêuticas e lacunas na literatura.

Esta pesquisa teve como foco examinar de que maneira a estimulação fonoaudiológica precoce favorece o desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva em crianças de 2 a 5 anos que são diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com a finalidade de atingir esse objetivo, foram criadas etapas metodológicas que envolveram a delimitação do assunto, definição dos descritores, elaboração das estratégias de busca, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, leitura dos títulos e resumos, avaliação dos textos que eram potencialmente elegíveis e seleção dos estudos que se relacionavam diretamente ao tema proposto.

A pesquisa bibliográfica foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na PubMed/MEDLINE, bases que reúnem publicações relacionadas à Fonoaudiologia, ao desenvolvimento infantil e ao Transtorno do Espectro Autista. A seleção ocorreu em etapas,

incluindo identificação dos registros, aplicação dos filtros e avaliação da pertinência dos estudos à pergunta de pesquisa.

### 2.1 Planejamento da busca

Foram empregados, para conduzir as buscas, descritores que envolvem Transtorno do Espectro Autista, população pré-escolar, intervenção precoce, Fonoaudiologia, terapia da linguagem e desenvolvimento da linguagem. Na BVS, os termos foram escolhidos de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e na PubMed foram usados termos equivalentes em inglês, conforme a terminologia da base.

Os descritores foram interligados pelo operador booleano AND, o que possibilitou um maior nível de especificidade e direcionamento dos resultados em relação ao propósito da revisão.

Na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), foi utilizada, a princípio, a seguinte estratégia:

"Transtorno do Espectro Autista AND Criança Pré-Escolar AND Intervenção Precoce AND Terapia da Linguagem".

Ao todo, foram 25 publicações sem que filtros fossem aplicados. Então, foram aplicados filtros de publicação dos últimos cinco anos e em português, resultando em 6 artigos. Foram identificados, nessa etapa, estudos que trabalharam com modelos de intervenção focados na promoção da linguagem, na comunicação, na intervenção fonoaudiológica precoce, nos modelos diagnósticos e terapêuticos na primeira infância e nas estratégias de estimulação comunicativa em crianças com TEA.



Para aumentar a recuperação de estudos que se relacionam diretamente à prática fonoaudiológica e ao desenvolvimento da linguagem, foi feita uma segunda busca na BVS com a combinação:

"Transtorno do Espectro Autista AND Criança Pré-Escolar AND Fonoaudiologia AND Desenvolvimento da Linguagem".

Primeiramente, sem aplicar filtros, foram recuperados 15 estudos. Depois de aplicar os critérios de tempo e idioma, restaram 5 publicações. Após a leitura dos títulos e resumos, e levando em conta a relação direta com o tema da pesquisa, 3 estudos dessa segunda busca na BVS foram selecionados como relevantes para a revisão, compondo, com os 6 estudos da primeira busca na BVS e os 2 da PubMed/MEDLINE, o total de 11 estudos apresentados no Quadro 2. Foram identificados, entre eles, estudos que tratam das contribuições da comunicação

alternativa para o desenvolvimento da comunicação em crianças com TEA, das estratégias fonoaudiológicas no atendimento às crianças com alterações do neurodesenvolvimento e da influência dos fatores ambientais e comportamentais na comunicação infantil.

Foram realizadas buscas na base PubMed/MEDLINE utilizando a seguinte estratégia:

"Autism Spectrum Disorder AND Child, Preschool AND Speech-Language Pathology AND Language Development".

Na busca inicial, foram recuperadas 112 publicações. Depois, aplicaram-se os filtros últimos cinco anos, texto completo gratuito e Revisão Sistemática, resultando em 2 artigos para avaliação. Os dois estudos encontrados foram considerados pertinentes ao tema: Pope, Light e Laubscher (2025), que realizaram uma revisão sistemática e meta-análise sobre os efeitos das intervenções comportamentais desenvolvimentais naturalísticas, que se associam à Comunicação Aumentativa e Alternativa, no desenvolvimento da linguagem em crianças autistas com fala mínima; e Leung e Molnar (2025), que exploraram o desenvolvimento da linguagem em relação à neurodiversidade, ajudando a elucidar as particularidades linguísticas em populações neurodivergentes.

As estratégias empregadas e os números recuperados estão documentados no Quadro 1, onde se pode identificar as bases consultadas, as combinações de descritores, os resultados iniciais, os filtros aplicados e os estudos que foram selecionados. Com essa organização, é possível acompanhar as fases da pesquisa e entender os critérios que foram utilizados na escolha das fontes.



Quadro 1 – Estratégias de busca e resultados obtidos nas bases de dados

| Base de dados | Estratégia de busca | Resultados sem filtros | Filtros aplicados | Resultado após filtros/seleção |
|---|---|---|---|---|
| BVS – Busca 1 | Transtorno do Espectro Autista AND Criança Pré-Escolar AND Intervenção Precoce AND Terapia da Linguagem | 25 | Últimos 5 anos; idioma português | 6 |
| BVS – Busca 2 | Transtorno do Espectro Autista AND Criança Pré-Escolar AND Fonoaudiologia AND Desenvolvimento da Linguagem | 15 | Últimos 5 anos; idioma português | 5 encontrados; 3 selecionados para estudo |
| PubMed/MEDLINE | Autism Spectrum Disorder AND Child, Preschool AND Speech-Language Pathology AND Language Development | 112 | Last 5 years; Free full text; Systematic Review | 2 |

**Fonte:** Elaboração própria (2026).

Ao todo, as três estratégias recuperaram 152 registros antes da aplicação dos filtros: 40 provenientes das duas buscas realizadas na BVS e 112 da PubMed/MEDLINE. Após os filtros, permaneceram 13 registros para avaliação inicial: 6 na primeira estratégia da BVS, 5 na segunda estratégia da BVS e 2 na PubMed/MEDLINE. Na segunda busca da BVS, 3 dos 5 registros foram selecionados após a leitura dos títulos e resumos e a avaliação da pertinência ao tema, conforme descrito na seção 2.1. Assim, o conjunto final reuniu 11 estudos: 6 da primeira busca da BVS, 3 da segunda busca da BVS e 2 da PubMed/MEDLINE. O Quadro 1 apresenta os quantitativos por estratégia, e o Quadro 2 identifica os estudos selecionados.

### 2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos estudos publicados nos últimos cinco anos sobre linguagem, comunicação e intervenção fonoaudiológica em crianças com TEA, com resultados pertinentes à faixa etária de 2 a 5 anos. Na BVS, aplicou-se o filtro de idioma português; na PubMed/MEDLINE, os filtros de texto completo gratuito e revisão sistemática. Foram excluídos registros duplicados, publicações fora do período definido, estudos sem relação com os objetivos da pesquisa, investigações exclusivamente com adultos ou outras condições sem resultados específicos sobre TEA e textos indisponíveis na íntegra quando esse acesso era exigido.



### 2.3 Identificação e avaliação dos estudos

A seleção dos estudos ocorreu nas bases BVS e PubMed/MEDLINE, mediante aplicação dos filtros estabelecidos, leitura de títulos e resumos e avaliação dos textos elegíveis quanto à pertinência à questão de pesquisa. Foram selecionados 11 estudos, sendo nove da BVS e dois da PubMed/MEDLINE, organizados por autoria, ano, objetivos, delineamento, população, intervenções e principais resultados.

A síntese descritiva contemplou quatro eixos: desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva; estratégias de intervenção e comunicação funcional; envolvimento familiar e condições ambientais; e limites das evidências e implicações para a Fonoaudiologia. Na interpretação, distinguiram-se os achados diretamente relacionados às intervenções e aos resultados comunicativos daqueles de caráter contextual, considerando as diferenças metodológicas e populacionais.

Quadro 2 – Caracterização dos estudos selecionados para a revisão

| Autor/Ano | Objetivo do estudo | Tipo de estudo | Principais resultados/contribuições |
|---|---|---|---|
| Bastos, Abreu e Britto (2025) | Investigar os modelos de intervenção precoce utilizados para promover o uso da linguagem oral em crianças com TEA. | Revisão integrativa | Identificou diferentes modelos e abordagens voltados à estimulação da linguagem oral em crianças com TEA, incluindo estratégias naturalísticas, comunicação aumentativa e alternativa, orientação parental e modelos de intervenção precoce. A revisão incluiu estudos com crianças de até 5 anos. |
| Halpern et al. (2021) | Descrever o modelo multidisciplinar do Centro de Estudos do Bebé e da Criança para avaliação diagnóstica e intervenção terapêutica precoce em crianças com suspeita de TEA. | Estudo retrospectivo descritivo | Foram avaliadas 178 crianças, com média de 27 meses na primeira consulta. O modelo multidisciplinar favoreceu maior precisão diagnóstica e possibilidade de intervenção terapêutica precoce, destacando a importância da identificação e do acompanhamento nos primeiros anos de vida. |
| Pereira et al. (2022) | Investigar as habilidades comunicativas de crianças com TEA e sua relação com a idade e com a intervenção fonoaudiológica. | Estudo observacional/descritivo | Participaram 11 crianças entre 2 e 7 anos. Foram observados déficits expressivos, pragmáticos, morfossintáticos e de atenção compartilhada. Crianças submetidas à intervenção com comunicação alternativa apresentaram melhora significativa na atenção compartilhada. |
| Ferreira et al. (2025) | Analisar os resultados da intervenção fonoaudiológica precoce baseada nos princípios do modelo DIR/Floortime em crianças com TEA. | Estudo longitudinal, quantitativo e prospectivo | Crianças com até 3 anos e 11 meses participaram de 24 sessões de intervenção. Houve aumento dos atos comunicativos e da ocupação do espaço comunicativo, indicando benefícios da intervenção fonoaudiológica precoce para o desenvolvimento comunicativo. |
| Costa et al. (2025) | Relatar a experiência de oficinas de musicalização realizadas com crianças com TEA. | Relato de experiência | As atividades de musicalização favoreceram maior interação, formação de vínculo e desenvolvimento cognitivo e social. Constitui estratégia complementar de estimulação, embora o estudo não tenha avaliado especificamente linguagem receptiva e expressiva. |
| Reis e Pereira (2023) | Compreender como a rede de cuidados em saúde mental infantojuvenil é percebida por familiares de crianças que necessitam desse tipo de assistência. | Estudo qualitativo com grupos focais | Foram identificados aspectos relacionados à procura por atendimento, aceitação diagnóstica, potencialidades e dificuldades dos serviços. O estudo contribui para compreender a rede de cuidado e a participação familiar, porém não investiga diretamente intervenção fonoaudiológica ou desenvolvimento da linguagem em crianças com TEA. |
| Montenegro et al. (2021) | Avaliar as contribuições de um sistema de Comunicação Aumentativa e Alternativa de alta tecnologia para as habilidades comunicativas de uma criança com TEA. | Estudo de caso longitudinal/interventivo | |
| Lima, Morais e Fernandes (2025) | Desenvolver estratégias fonoaudiológicas para estimular linguagem e comunicação em crianças com TEA e deficiência intelectual atendidas no SUS. | Relato de experiência/intervenção multiprofissional – pôster | Utilizou música, brincadeiras, jogos, comunicação alternativa e atuação integrada. Os autores relatam progressos na ampliação do repertório verbal e gestual, maior participação nas atividades, redução de frustrações relacionadas às dificuldades comunicativas e fortalecimento do vínculo com familiares e cuidadores. |
| Alves et al. (2025) | Compreender a percepção de profissionais de saúde sobre os impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento de crianças com TEA. | Estudo qualitativo exploratório | Profissionais relataram prejuízos no contato visual, linguagem/comunicação, interação social e regulação emocional decorrentes do uso excessivo de telas. Também reconheceram benefícios de tecnologias quando utilizadas de forma orientada, inclusive como recursos de CAA. |

| Autor/Ano | Objetivo do estudo | Tipo de estudo | Principais resultados/contribuições |
|---|---|---|---|
| Pope, Light e Laubscher (2025) | Avaliar os efeitos das intervenções comportamentais desenvolvimentais naturalísticas (NDBI), isoladamente ou combinadas à CAA, sobre a linguagem de crianças autistas com fala mínima. | Revisão sistemática e meta-análise | Foram incluídos 29 estudos. As NDBIs apresentaram impacto positivo sobre a linguagem, mas os efeitos foram maiores quando associadas à Comunicação Aumentativa e Alternativa, indicando vantagem da combinação das abordagens para crianças autistas com fala mínima. |
| Leung e Molnar (2025) | Examinar pesquisas sobre desenvolvimento bilíngue em crianças neurodivergentes sob a perspectiva de equidade, diversidade e inclusão. | Revisão | Evidenciou limitações na utilização de avaliações padronizadas para crianças monolíngues em populações bilíngues neurodivergentes e destacou a necessidade de avaliações linguísticas mais abrangentes e culturalmente adequadas, relevantes à prática fonoaudiológica. |

**Fonte:** Elaboração própria (2026).

As intervenções e os acompanhamentos propostos para crianças com TEA, conforme os estudos do Quadro 2, se baseiam em variadas abordagens, incluindo estratégias fonoaudiológicas precoces, modelos naturalísticos, Comunicação Aumentativa e Alternativa, a abordagem DIR/Floortime, orientação familiar e recursos lúdicos.

Ao que se refere aos achados mais diretamente relacionados aos objetivos desta pesquisa, destacam-se os de Montenegro *et al.* (2021), que apontaram para evolução tanto na comunicação expressiva quanto na receptiva após intervenção com CAA; os de Pereira *et al.* (2022), que mostraram os benefícios da intervenção com comunicação alternativa sobre as habilidades comunicativas; os de Ferreira *et al.* (2025), que evidenciaram ganhos comunicativos após intervenção fonoaudiológica precoce; os de Bastos, Abreu e Britto (2025), que mapearam diferentes modelos de intervenção para promoção da linguagem oral; e os de Pope, Light e Laubscher (2025), cuja revisão sistemática e meta-análise evidenciaram resultados positivos das intervenções naturalísticas, especialmente quando em associação com a CAA.



É fundamental, na análise dos 11 trabalhos, separar as evidências que se relacionam diretamente à intervenção fonoaudiológica daquelas que servem apenas para contextualizar o tema. Enquanto Reis e Pereira (2023) se concentram na rede de cuidados, Leung e Molnar (2025) abordam questões mais amplas sobre a diversidade linguística. Além disso, Costa et al. (2025) e Alves et al. (2025) fazem contribuições que, embora não sejam diretas, são valiosas. Nos estudos de Bastos, Abreu e Britto (2025), Pereira et al. (2022), Ferreira et al. (2025) e Montenegro et al. (2021), assim como nos trabalhos de Lima, Morais e Fernandes (2025) e de Pope, Light e Laubscher (2025), os resultados se relacionam mais diretamente com as intervenções e os resultados comunicativos que foram analisados. Isso é fundamental para que estudos de contexto não sejam confundidos com provas diretas de eficácia terapêutica.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos do Quadro 2, apontam que a estimulação fonoaudiológica precoce pode aumentar as chances de comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os resultados mencionados incluem compreensão, expressão, atenção compartilhada, iniciativa comunicativa e envolvimento nas interações. No entanto, essas dimensões não foram consideradas de maneira consistente nas publicações. Para isso, a síntese a seguir distingue os achados que se referem diretamente à linguagem dos elementos contextuais que ajudam a elucidar as circunstâncias de acompanhamento da criança.

Organizado segundo a metodologia, o conjunto é composto por 11 publicações, sendo nove oriundas das buscas na BVS e duas na PubMed/MEDLINE. Existem vários tipos de delineamentos, como revisões, estudo de caso, investigações longitudinais, estudos descritivos e relatos de experiência. A variedade de métodos enriquece os aspectos discutidos, mas torna impossível considerar os resultados como comparações válidas de eficácia. A análise foi estruturada em quatro eixos: promoção da linguagem receptiva e expressiva; abordagens de intervenção e comunicação funcional; envolvimento familiar e condições ambientais; e limites das evidências e suas repercussões para a Fonoaudiologia.



### 3.1 Desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva

Montenegro et al. (2021) trazem, em um estudo de caso de uma criança de 2 anos e 2 meses acompanhada com um sistema de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) de alta tecnologia, uma das poucas menções aos desfechos linguísticos. De acordo com a descrição do Quadro 2, após 24 sessões, a expressiva subiu de 24% para 95% e a receptiva de 50% para 88% na ferramenta utilizada. Estes números refletem o desempenho da criança em questão na avaliação aplicada; eles não indicam taxas de eficácia da intervenção ou probabilidades de que outras crianças com TEA melhorem.

O resultado se relaciona com a questão central desta pesquisa, pois abrange tanto a compreensão quanto a expressão dentro da faixa etária estabelecida. A evolução mencionada sugere que os recursos de comunicação podem servir para aumentar tanto as chances de decifrar mensagens quanto as de manifestar intenções. No entanto, por ser um caso isolado, não é viável dissociar totalmente os impactos da intervenção de outras influências, como o desenvolvimento ao longo do tempo, experiências familiares e acompanhamentos paralelos. O que se pretende

aqui não é afirmar a existência de uma solução universal, mas apresentar uma alternativa terapêutica (Montenegro et al., 2021).

Por sua vez, Pereira et al. (2022) exploraram as habilidades comunicativas de 11 crianças na faixa etária de 2 a 7 anos. No resumo do trabalho, são identificadas dificuldades expressivas, pragmáticas, morfossintáticas e de atenção compartilhada, sendo que, após a intervenção com comunicação alternativa, observa-se uma melhora nesta última dificuldade nas crianças. A atenção compartilhada é importante para a discussão dos resultados porque se refere à participação da criança em situações de intercâmbio. No entanto, o fato de ele ter melhorado não pode ser considerado automaticamente como evidência de que houve um progresso similar no vocabulário, na compreensão oral ou na formação de frases.

Montenegro et al. (2021) e Pereira et al. (2022) demonstram que não é suficiente tratar todos os elementos da comunicação como um bloco único; é crucial analisá-los separadamente. Se o primeiro altera indicadores de aceitação e expressão de uma criança, o segundo ajuda a definir dificuldades e aspectos interacionais em um coletivo. Por fim, é preciso ter cuidado ao aplicar os resultados obtidos com os participantes de até 7 anos, já que eles foram incluídos no estudo e não é certo que se apliquem exclusivamente às crianças de 2 a 5 anos. O material traz subsídios para entender as necessidades comunicativas, mas não possibilita traçar um único caminho de aquisição de linguagem para esse grupo.



Ferreira *et al.* (2025) compartilham os achados de uma pesquisa quantitativa, longitudinal e prospectiva sobre a intervenção fonoaudiológica precoce fundamentada nos princípios do modelo DIR/Floortime. Segundo o Quadro 2, os pequenos de até 3 anos e 11 meses participaram de 24 sessões, nas quais foram observados aumento dos atos comunicativos e maior exploração do espaço comunicativo. Esses indicadores sugerem ampliação da participação nas interações, embora não permitam avaliar isoladamente todos os componentes da linguagem receptiva e expressiva.

Os estudos, portanto, convergem na identificação de possibilidades de desenvolvimento comunicativo durante o acompanhamento, mas divergem quanto ao que é considerado um resultado. Com relação à questão norteadora deste trabalho, essa diferença implica que a contribuição da estimulação precoce deve ser vista sob múltiplos ângulos: entender mensagens, expressar necessidades e engajar-se em interações são todas dimensões relacionadas, mas não substitutivas umas das outras. A análise não permite concluir que todas essas competências se desenvolvam com a mesma intensidade ou no mesmo intervalo de tempo em todas as crianças.

### 3.2 Estratégias de intervenção e comunicação funcional

De acordo com Bastos, Abreu e Britto (2025), existem vários modelos de intervenção destinados a estimular a linguagem oral em crianças com TEA, abrangendo pesquisas com crianças de até 5 anos. Como já foi sintetizado, a revisão abrange tanto estratégias naturalísticas quanto CAA, orientação aos pais e modelos de intervenção precoce. As diferentes abordagens mostram que a prática fonoaudiológica é pautada por decisões que se referem ao estilo comunicativo e às demandas da criança. O material coletado não embasa a recomendação de um único método como o melhor para todas as situações.

A revisão sistemática e meta-análise conduzidas por Pope, Light e Laubscher (2025), que incluem 29 estudos, ampliam essa discussão ao se concentrar em intervenções comportamentais desenvolvimentais naturalísticas, tanto isoladas quanto em combinação com a CAA, para crianças autistas que falam pouco. Os dados apresentados no Quadro 2 mostram que houve um impacto positivo sobre a linguagem, sendo que os resultados foram ainda maiores quando as intervenções estavam ligadas à CAA. Esse resultado pode ser explorado em discussões sobre a combinação de intervenções, mas sua interpretação deve levar em conta a população estudada e as particularidades dos diferentes estudos que foram incluídos.



A valorização de formas que ampliam as possibilidades comunicativas além da fala isolada é um ponto comum entre Pope, Light e Laubscher (2025) e Montenegro et al. (2021). Entretanto, os desenhos de pesquisa têm propósitos diferentes: uma revisão compila resultados de várias investigações, enquanto um estudo de caso observa uma experiência específica. Isso é importante porque, ao considerá-los em conjunto, é possível identificar a CAA como uma estratégia significativa dentro do material analisado, sem que os resultados individuais se tornem estimativas populacionais ou se assuma que qualquer recurso trará os mesmos benefícios.

Os achados de Ferreira et al. (2025), no que diz respeito ao DIR/Floortime, introduzem a interação no debate sobre as abordagens terapêuticas. O crescimento dos atos comunicativos indica que a observação da participação da criança pode ser uma boa fonte de informações sobre seu desenvolvimento. Apenas contar palavras não seria suficiente, nesta revisão, para avaliar as mudanças relatadas: é crucial também observar se a criança começa a interagir, responde aos ouvintes e usa seus meios de comunicação em contextos relevantes.

Esse eixo é complementado pelas experiências de Costa et al. (2025) e Lima, Morais e Fernandes (2025), que tratam de música, brincadeiras, jogos e recursos de comunicação

alternativa. Costa et al. observam que nas oficinas de musicalização há mais interação e vínculo, mas não avaliaram especificamente a linguagem receptiva e expressiva. Lima, Morais e Fernandes observam que houve aumento tanto no vocabulário verbal quanto gestual, além de uma participação mais ativa nas atividades durante o atendimento no SUS. Esses relatos colaboram para o debate sobre como o cuidado pode ser organizado, mas não têm a mesma força que pesquisas cujo objetivo é mensurar efeitos terapêuticos em situações controladas.

Embora os recursos lúdicos possam auxiliar na criação de momentos de interação e comunicação, não devemos apresentá-los como estratégias que têm a mesma eficácia para todos os resultados linguísticos. Nesse sentido, a atuação fonoaudiológica inclui o planejamento de ações, a observação das reações da criança e o monitoramento de seu progresso. Para se interpretar os resultados, é imprescindível diferenciar as habilidades que foram investigadas e os contextos de avaliação, sem considerar vínculo, participação, repertório verbal e compreensão como sinônimos ou indicadores intercambiáveis.

### 3.3 Participação familiar e condições ambientais

A participação da família é um tema discutido tanto nos diferentes tipos de intervenção quanto nas experiências de atendimento. Bastos, Abreu e Britto (2025) mencionam a orientação dos pais como uma das estratégias identificadas, enquanto Lima, Morais e Fernandes (2025) falam sobre o fortalecimento dos laços com a família e os cuidadores. Esses aspectos estão em sintonia com a introdução do trabalho, que ressalta as possibilidades comunicativas do dia a dia. Nesta revisão, a família é apresentada como parte do ambiente onde as habilidades podem ser aplicadas, mas o material não permite mensurar de forma independente sua contribuição para os resultados em linguagem.



Reis e Pereira (2023) contextualizam a busca por atendimento e os desafios que os responsáveis enfrentam dentro da rede de cuidados em saúde mental infantojuvenil. Como esclarece o próprio Quadro 2, a pesquisa não se debruça diretamente sobre a intervenção fonoaudiológica ou sobre o desenvolvimento da linguagem em crianças com TEA. A sua contribuição, portanto, restringe-se à análise das condições de cuidado e da vivência familiar.

Conjuntamente, esses estudos evidenciam que a permanência no acompanhamento está atrelada não só à vontade, mas também às condições reais de acesso e engajamento. A orientação à família deve ser vista como uma relação de apoio, levando em conta suas rotinas, recursos e desafios. Essa leitura não legitima a responsabilização dos cuidadores pelos resultados obtidos,

nem a inferência de que as disparidades no desenvolvimento sejam, necessariamente, fruto de um menor envolvimento da família. Os estudos compilados não possibilitam essa relação causal.

Alves et al. (2025) exploram as opiniões de profissionais sobre o uso excessivo de telas e como isso se relaciona com a comunicação, a interação e a regulação emocional. Devido ao seu caráter qualitativo, os resultados não estabelecem, por si só, uma relação de causa e efeito entre a exposição a telas e as mudanças na linguagem, mas sim refletem as interpretações dos participantes. A diferença que o próprio estudo estabelece entre uso excessivo e tecnologias voltadas para a comunicação também é pertinente: um recurso de CAA é destinado à comunicação e não deve ser considerado de forma equivalente a qualquer forma de consumo de conteúdo digital.

Leung e Molnar (2025) introduzem uma perspectiva sobre diversidade linguística e a adequação de avaliações para crianças neurodivergentes bilíngues. A sua contribuição não se relaciona diretamente com a eficácia da estimulação precoce, mas é relevante para a compreensão das habilidades linguísticas. A crítica às limitações de ferramentas focadas em comunidades monolíngues enfatiza que os resultados devem ser levados em conta à luz das vivências linguísticas da criança. Os estudos contextuais, portanto, enriquecem a compreensão do cuidado, sem eliminar a necessidade de pesquisas que mensurem os desfechos comunicativos de forma direta.



### 3.4 Limites das evidências e implicações para a fonoaudiologia

Halpern *et al.* (2021) propõem um modelo interdisciplinar de avaliação e intervenção precoce que foi aplicado a 178 crianças, cuja idade média era de 27 meses na primeira visita. O estudo esclarece a identificação e o acompanhamento nos primeiros anos de vida. Contudo, tanto o número de crianças que foram avaliadas quanto a idade em que começaram a receber atendimento não, por si só, indicam uma melhoria na linguagem. Sua contribuição é mais assistencial, enquanto outras obras analisam mais diretamente os resultados da comunicação.

Uma das principais limitações desta revisão é a heterogeneidade dos dados selecionados. Não é toda publicação que se debruça apenas sobre crianças de 2 a 5 anos, nem toda pesquisa faz uma distinção clara entre a avaliação da linguagem receptiva e expressiva, e algumas têm uma relação meramente contextual com a questão de pesquisa. Os instrumentos e os tipos de intervenção também apresentam distinções. Por causa dessas particularidades, não é possível

determinar, com base na síntese apresentada, uma magnitude única de efeito ou estabelecer uma comparação definitiva entre as abordagens.

É preciso ter cuidado ao generalizar os achados, pois há uma presença considerável de estudos de caso e relatos de experiência. As mudanças que ocorreram após as sessões de atendimento não podem ser atribuídas apenas à intervenção, uma vez que o desenvolvimento é influenciado por vários outros fatores. Além disso, revisões podem integrar estudos que já foram discutidos de forma isolada, sem que cada um deles constitua uma amostra independente. Os 11 trabalhos compõem a base bibliográfica examinada, mas não são 11 provas equivalentes de eficácia.

Quanto aos objetivos específicos, o material possibilita a discussão sobre mudanças comunicativas, intervenções terapêuticas, detecção precoce e aspectos familiares e ambientais. Apesar disso, a pesquisa apresentada no Quadro 2 não fornece uma descrição abrangente e sistemática de todos os marcos linguísticos entre os 2 e 5 anos, nem demonstra de maneira direta os mecanismos de plasticidade cerebral que foram mencionados na introdução.

No que diz respeito à Fonoaudiologia, a síntese promove um acompanhamento mais individualizado em relação à compreensão, expressão e uso funcional da comunicação, considerando os recursos que a criança já utiliza e as oportunidades que tem para participar. Os estudos que foram analisados defendem a importância de se investigar intervenções precoces, ferramentas de CAA e estratégias de interação, mas também indicam que é necessário realizar pesquisas com medidas mais comparáveis, um acompanhamento longitudinal e a descrição dos resultados por faixa etária. Isso tornaria possível identificar com mais clareza quais estratégias favorecem cada aspecto da linguagem e em que circunstâncias.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento bibliográfico que foi realizado neste trabalho possibilita afirmar que a estimulação fonoaudiológica precoce pode favorecer o desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva e da comunicação funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Entre os resultados mencionados, estão a mudança na compreensão e na expressão, aumento dos atos comunicativos, atenção compartilhada e mais envolvimento nas interações. Contudo, essas contribuições foram observadas por meio de diversos instrumentos e delineamentos, o que exige uma interpretação particularizada, sem permitir a suposição de resultados homogêneos para todas as crianças de 2 a 5 anos.

À luz da questão norteadora, as contribuições mais significativas apontadas envolvem o aumento das oportunidades de entender mensagens, expressar intenções e se engajar em interações comunicativas. Dentre as estratégias abordadas, encontramos a Comunicação Aumentativa e Alternativa, intervenções naturalísticas, métodos centrados na interação, brincadeiras e orientação familiar. O conjunto examinado contribui para uma perspectiva da comunicação que vai além da fala, englobando outros modos de expressão, sempre valorizando o uso prático das competências nas situações do dia a dia.

A detecção antecipada das necessidades de comunicação, o envolvimento da família e a coordenação entre os profissionais são fundamentais para que o acompanhamento se mantenha eficaz. A análise também salienta a importância de levar em conta o acesso aos serviços, bem como as características linguísticas, sociais e ambientais de cada criança. A orientação que se oferece aos cuidadores deve levar em conta as circunstâncias de cada família, sem colocar sobre ela a responsabilidade única pelos resultados que se observam.

As estratégias de estimulação e os objetivos referentes às dificuldades comunicativas foram abordados nas investigações, porém ainda há limites no que diz respeito à caracterização completa dos marcos de linguagem e à comparação dos efeitos de diferentes intervenções na faixa etária de 2 a 5 anos. A variação nas publicações, o surgimento de estudos que contribuem de forma indireta e a falta de medidas padronizadas tornam impossível determinar uma estratégia que seja universalmente superior ou quantificar o benefício total da intervenção. Acompanhamento prolongado e avaliação diversificada da compreensão, da expressão e da comunicação funcional poderão embasar futuras investigações nessas questões.



Portanto, a Fonoaudiologia tem um papel crucial na detecção das necessidades comunicativas e na promoção de oportunidades de interação desde os primeiros anos de vida. Os estudos que foram analisados ressaltam a necessidade de intervenções personalizadas, com a avaliação constante das habilidades receptivas, expressivas e funcionais. O cuidado deve valorizar as diversas maneiras de se comunicar e promover a participação da criança em atividades do dia a dia, respeitando seu jeito e seu tempo de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

ALVES, K. P. M. **Desenvolvimento da linguagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista e o uso de tecnologias assistivas para a comunicação.** Revista Científica Imperium, n. 7, 3 ago. 2025. Disponível em: https://imperium.org.br/desenvolvimento-da-linguagem-em-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-e-o-uso-de-tecnologias-assistivas-para-a-comunicacao/. Acesso em: 20 ago. 2026.

ALVES, T. M.; HOLANDA, R. R.; ROCHA, A. S.; BARBOSA, V. N. M.; LAVOR FILHO, T. L. de. **Uso excessivo de telas em crianças com TEA: percepções de uma equipe multiprofissional em clínica privada no Ceará.** Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 14, e6404, 2025. DOI: https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2025.e6404. Publicado em: 1 dez. 2025.

BANDEIRA, A. C. M.; SOUZA, M. L. C. de; SOUSA, S. D. de; AGOSTINHO, A. B. A.; DUTRA, S. I. V. da S. M.; SILVA, C. T. X. **A influência dos níveis de ocitocina e expressão de seus receptores no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa.** Educação em Saúde, v. 12, supl. 2, 2024. Anais da 27ª Mostra de Saúde. Publicado em: 15 dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/7754. Acesso em: 20 ago. 2026.

BASTOS, A. C. F.; ABREU, N. C. B.; BRITTO, D. B. de O. e. **Modelos de intervenção para a promoção da linguagem de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: revisão integrativa.** Distúrbios da Comunicação, v. 37, n. 1, e69814, 2025. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-2724.2025v37i1e69814. Publicado em: 9 abr. 2025. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/69814. Acesso em: 3 out. 2026.

BASTOS, F. S. G.; RODRIGUES, D. M. da C.; BARCIA, L. L. do C. **Intervenção precoce fonoaudiológica em criança prematura por COVID-19: risco de Transtorno do Espectro Autista e a evolução da linguagem.** RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar, v. 7, n. 5, 2026. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v7i5.7938. Disponível em: https://recima21.com.br/recima21/pt_BR/article/view/7938. Acesso em: 20 ago. 2026.

COSTA, M. C. da; MARTINS, G. S. Q.; HAUPENTHAL JÚNIOR, R.; FIAES, C. S.; GOMES, D. R.; PEDROSO, M. R. de O. **A musicalização no acompanhamento de crianças com transtorno do espectro autista: um relato de experiência.** Saúde em Redes, v. 11, n. 2, 2025. DOI: https://doi.org/10.18310/2446-4813.2025v11n2.4508. Publicado em: 1 maio 2025. Disponível em: https://revista.redeunida.org.br/index.php/rede-unida/article/view/4508. Acesso em: 3 out. 2026.

FERREIRA, H. A.; PACHECO, P. M.; SANTOS, T. H. F.; MOLINI-AVEJONAS, D. R. **Early speech therapy intervention in children with Autism Spectrum Disorder.** CoDAS, v. 37, n. 4, e20240245, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/2317-1782/e20240245pt. Publicado em: 1 ago. 2025. PMID: 40767667. PMCID: PMC12322977.

FERREIRA, P. O. de A.; FERREIRA, G. dos S. **Contribuições da estimulação psicomotora precoce para o desenvolvimento escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista com atrasos psicomotores: revisão da literatura.** Revista Tópicos, 29 abr. 2026. DOI: https://doi.org/10.70773/revistatopicos/777342746. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/contribuicoes-da-estimulacao-psicomotora-precoce-para-o-desenvolvimento-escolar-de-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-com-atrasos-psicomotores-revisao-da-literatura. Acesso em: 20 ago. 2026.

HALPERN, C. M.; SILVA, P. C. da; COSTA, D.; NASCIMENTO, M. J.; REIS, J. M.; MARTINS, M. T.; FERREIRA, B. P.; SANTOS, I.; CARVALHO, L.; GOMES, M. P.; MARTINS, M.; PIMENTEL, M. J.; LOPES, P.; SILVA, P.; RAPAZOTE, R.; CATARINO, S.; PEREIRA, S. A.; PEREIRA, S.; AFONSO, S. **Autism Spectrum Disorder in Infancy and**

**Early Childhood: the Model of the Centro de Estudos do Bebé e da Criança for Diagnosis and Therapeutic Intervention.** Acta Médica Portuguesa, v. 34, n. 10, p. 657-663, 2021. DOI: https://doi.org/10.20344/amp.13397. Publicado em: 1 out. 2021. Disponível em: https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/13397. Acesso em: 3 out. 2026.

LEMOS, B. de O.; CARVALHO, L. R. de M. S. **O impacto da estimulação psicomotora no desenvolvimento motor em crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA: um estudo bibliográfico.** Revista FT, v. 30, n. 159, p. 1-21, 2026. DOI: https://doi.org/10.69849/omyt5837. Disponível em: https://www.revistaft.com/ft/article/view/1527. Acesso em: 20 ago. 2026.

LEUNG, K. I.; MOLNAR, M. **Examining neurodiversity in bilingual development research: recent insights through an equity, diversity, and inclusion lens.** International Journal of Language & Communication Disorders, v. 60, n. 5, e70100, 2025. DOI: https://doi.org/10.1111/1460-6984.70100. PMID: 40709907. PMCID: PMC12291617.

LIMA, F. C. P. de; MORAIS, T. C. S.; FERNANDES, L. C. R. dos S. **Fonoaudiologia e neurodesenvolvimento: estratégias para o atendimento de crianças com TEA e deficiência intelectual no SUS.** In: CONGRESSO DE SECRETÁRIOS MUNICIPAIS DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 38., 2025. [Pôster]. São Paulo: COSEMS/SP, 2025. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2025/09/1612512/fonoaudiologia-e-neurodesenvolvimento.jpg. Acesso em: 3 out. 2026.

LIMA, I. B. P.; MARTINS, P. P. C.; CUSATI, I. C.; ANGELO, R. di C. de O. **Características do transtorno do espectro autista e sua influência na aprendizagem: uma revisão integrativa.** Revista Sustinere, v. 11, n. 1, p. 343-374, 2023. DOI: https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.63902. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/63902. Acesso em: 20 ago. 2026.

MARCIANO, N. F.; DUCA, A. P.; MENDONÇA, C. S. I. de. **Prevalência da prematuridade e histórico de estimulação precoce em crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Revista Saúde e Meio Ambiente, v. 15, n. 2, 2023. Publicado em: 25 jan. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/sameamb/article/view/19878. Acesso em: 20 ago. 2026.

MONTENEGRO, A. C. de A.; LEITE, G. A.; FRANCO, N. de M.; SANTOS, D. dos; PEREIRA, J. E. A.; XAVIER, I. A. de L. N. **Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo.** Audiology - Communication Research, v. 26, e2442, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2442.

MOURÃO, L. G.; MILHOMEM, M. B. da S. de A.; RAMALHO, J. S.; SILVA, N. M.; SILVA, G. E. G.; EVERTON, J. E. D.; MELO, V. J. de; MOURÃO, L. G.; NEW YORK, M. A. R. C. de; PINTO JÚNIOR, R. A. **Evidências acerca da fisioterapia no desenvolvimento neuropsicomotor em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): revisão integrativa.** Revista Tópicos, 14 ago. 2026. DOI: https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786644976. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/evidencias-acerca-da-fisioterapia-no-desenvolvimento-neuropsicomotor-em-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-tea-revisao-integrativa. Acesso em: 20 ago. 2026.

PEREIRA, J. E. A.; SANTOS, A. C. S.; LEITE, G. A.; XAVIER, I. A. L. N.; MONTENEGRO, A. C. A. **Habilidades comunicativas de crianças com autismo.** Distúrbios da Comunicação, v. 34, n. 2, e54122, 2022. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i2e54122. Publicado em: 21 jun. 2022. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/54122. Acesso em: 3 out. 2026.

POPE, L.; LIGHT, J.; LAUBSCHER, E. **The effect of Naturalistic Developmental Behavioral Interventions and aided AAC on the language development of children on the autism spectrum with minimal speech: a systematic review and meta-analysis.** Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 55, n. 9, p. 3078-3099, 2025. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-024-06382-7. Publicado online em: 7 jun. 2024. PMID: 38848009. PMCID: PMC12208088.

RAMOS, J. de A. R. e; FALCÃO, G. H.; VALDEVINO, E. L. T.; MACÊDO, D. F. de; SILVA, C. V. da; SILVA, F. V. D. da; BEZERRA, H. X. **Uso de telas e sua influência no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Revista Tópicos, 1 abr. 2026. DOI: https://doi.org/10.70773/revistatopicos/775000308. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/uso-de-telas-e-sua-influencia-no-desenvolvimento-neuropsicomotor-de-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista. Acesso em: 20 ago. 2026.

REIS, L. B.; PEREIRA, C. M. **Percepções de familiares sobre uma rede de cuidados de saúde mental infantojuvenil.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003254081. Acesso em: 3 out. 2026.

SANTOS, W. L. dos; BRITO, W. K. R.; FURTADO, M. A. B.; TEIXEIRA, M. C. N.; SOUSA, W. D. de; BUSTAMANTE, A. M.; NOGUEIRA, P. R. **Impacto das intervenções precoces na plasticidade cerebral de crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Periódicos Brasil. Pesquisa Científica, Macapá, v. 5, n. 1, p. 2206-2227, 2026. DOI: https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p2206-2227. Disponível em: https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/697. Acesso em: 20 ago. 2026.

SOARES, J. da C. C. **O efeito da estimulação transcraniana por corrente contínua associada a dupla-tarefa (linguística-motora) em crianças com autismo: ensaio clínico randomizado.** 2025. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2025. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/11566. Acesso em: 20 ago. 2026.